

As vicissitudes da pulsão de morte

Alcimar Alves de Souza Lima

O efeito anorexia em uma adolescente surge como a convergência de posições inconscientes.

O ambiente é sombrio. Uma adolescente, quase uma menina, deitada em seu leito de hospital em uma posição fúnebre, com um semblante extremamente branco assim como sua roupa, com a agulha de uma alimentação parenteral ligada a seu braço. A mãe a acompanhava e também compunha esse cenário.

Durante alguns dias só uma locução surgia: “Eu não suporto esse corte, por isso vou morrer.”

No ambiente médico e paramédico o episódio causava perplexidade, pois todas as avaliações clínicas eram negativas e o abdômen já tinha sido aberto duas vezes para exploração no último mês, devido a sintomas que simulavam “abdômen agudo”, e nestas explorações nada havia sido encontrado.

Uma outra fala surgia nesse ambiente: “O problema dela é a mãe, não permita que a mãe fique muito com ela.” Isto vinha de todas as direções.

Eu fiquei a princípio espantado com isto, com o que me comunica esta fala que vinha até dos parentes próximos, pai, avó paterna e tias.

A mãe, simpática e falante, porém muito apreensiva, pois sentia e transmitia que a filha caminhava inexoravelmente para a morte. O pai era mais distante comigo; neste período começou a beber mais do que o habitual e ter dificuldades em realizar o seu trabalho.

Alcimar Alves de Souza Lima - psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae.

Nesta altura ela não se alimentava de quase nada havia dez dias.

Em nossas conversas muito pouca coisa aparecia, ela ficava longo tempo em silêncio, até que começou a falar de sua avó materna que já havia falecido há quase trinta anos.

Dizia que era uma pessoa de inúmeras qualidades, que era venerada pela mãe e que esta quando se referia a ela ainda hoje chorava, fato que cheguei a presenciar. Esse assunto, com variações, começou a aparecer com insistência.

Nestes primeiros dias de trabalho eu fui invadido por uma angústia grande e uma fantasia obsessivamente se repetia: “Esta menina vai morrer.” Imaginava o seu funeral e seu sepultamento ao lado do túmulo de minha mãe, naquela altura recentemente falecida.

Isto começou a me incomodar, a menina também continuava a não se alimentar e já era hora de retirar a alimentação parenteral. Quando esta foi retirada, ela passou dois dias sem se alimentar nada, mal tomava água e a alimentação parenteral teve que ser recolocada.

Todos sabem que em ambiente hospitalar, com inúmeras infecções, uma segunda tentativa já significa um risco concreto para a saúde.

Neste período, eu me dei conta de que estava em uma situação de impotência, na qual a fantasia da morte de minha mãe me apontava a direção. Ela teve morte súbita, ninguém pôde socorrê-la, mostrando-me que se eu continuasse nesta posição e lugar em relação à paciente nada poderia fazer por ela. Esse lugar tinha que ser desocupado.

Concomitantemente em conversa com a mãe ela me diz: “Não sei porque essa menina persegue a morte. Quando eu engravidei eu queria muito um filho, toda a gravidez foi extremamente calma e feliz, quando ela nasceu eu fiquei radiante como nunca, os seus primeiros meses foram de um encantamento para mim e minha família. Eu não queria outro filho naquele

A internação marcava um lugar inconsciente, que tornava impossível a ocorrência de outros desejos que não estivessem sinalizados pela morte.

Eu disse para a menina ir para casa e voltar ao meu consultório em três dias. Fiz um questionamento técnico que faço até hoje.

A alta foi concreta e fundadora num sentido de vida, eu reafirmei o seu movimento de retirada da parenteral.

O movimento de vida ressurgia nela.

momento, talvez pudesse até querer após uns cinco anos. Quando ela estava com nove meses eu subitamente engravidei, o dia para mim se fez noite, tentei todas as formas para abortar aquela gravidez, os meses foram tristes até o parto, e eis que nasce um menino e eu me encantei com ele.”

Neste momento ela ficou lívida por algum tempo e logo me disse: “Eu sei o que está acontecendo com essa menina. Eu desloquei tudo para ela.” Chorou muito.

A partir daí comecei a trabalhar essas fantasias com ela. Sua relação com a filha começou a mudar e a menina começou a se alimentar um pouco.

Estava chegando a hora de retirar a alimentação parenteral, eu estava angustiado, porém me sentia na pista certa.

A alimentação foi interrompida

e ela passou dois dias sem ingerir nada, houve necessidade de se ligar a alimentação de novo. Era a terceira vez.

O médico clínico preparava a família para o fim próximo que se aproximava e o ambiente era extremamente tenso.

Os médicos me comunicaram que na visão deles o problema não era de ordem orgânica e sim emocional. Ou se dava um jeito neste nível ou não se tinha o que fazer. Eu comecei a pensar no porquê da internação se o caso não era orgânico e o que esta estava significando para a garota.

Neste íterim (sétimo dia de alimentação parenteral) ela tem uma noite com terríveis pesadelos e arranca a parenteral que estava colocada na subclávia, o frasco se quebra no meio do quarto e ela se ensanguenta toda na madrugada.